

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José dos Santos Gaspar

registada em 2008-09-16
por

Hugo Pereira e Susana Pires

José dos Santos Gaspar

José dos Santos Gaspar, natural do Piódão, nasceu a 28 de Junho de 1925. Os pais chamavam-se Abel Lopes Gaspar e Maria de Jesus e trabalhavam na agricultura. O pai andou em Lisboa e na França. Em criança não foi à escola, não era obrigatório e os pais precisavam dos filhos para guardarem os rebanhos. José fez a quarta classe, em Lisboa, em 1958, quando tinha 33 anos. A vida de trabalho começou pela ajuda aos pais e depois foi servir, a guardar rebanhos. Até que foi à inspecção em 1945, mas nunca foi chamado. Em 1946 foi para Lisboa, com 21 anos. Começou por andar numas camionetas de Lisboa ao Porto, a carregar esmalte e vidro. Mais tarde, “surgiu uma hipótese de ir para uma oficina trabalhar na reparação de navios”. Por lá esteve durante 24 anos, na Quinta do Almagem. Foi no Piódão que conheceu a esposa, “estava na fonte a encher água, na Fonte dos Algaes”. Depois, foi para Lisboa e começou a escrever-lhe. Casaram e José regressou a Lisboa, passados 15 dias. Só veio à aldeia “na véspera de nascer o rapaz”.

Índice

Identificação José dos Santos Gaspar.....	4
Ascendência Abel Lopes Gaspar e Maria de Jesus.....	4
Casa "Dormíamos num palheiro".....	5
Infância "Porrada para cima!".....	6
Educação "Fiz a quarta classe com 33 anos".....	7
Ofício "A minha vida foi servir".....	8
Namoro "Quem é aquela rapariga?".....	17
Casamento "Casei-me e fui logo para Lisboa".....	18
Descendência "Quando cheguei, já tinha o rapaz ao pé dela!".....	19
Quotidiano Mel e aguardente.....	20
Costumes Faz-se no Piódão.....	22
Lugar "Aqui é uma maravilha!".....	23
Avaliação "Para se divulgar".....	30

Identificação *José dos Santos Gaspar*

Chamo-me José dos Santos Gaspar. Sou natural do Piódão. Nasci a 28 de Junho de 1925.



José Gaspar, com 38 anos

Ascendência *Abel Lopes Gaspar e Maria de Jesus*

Os meus pais chamavam-se Abel Lopes Gaspar e Maria de Jesus. Trabalhavam na agricultura. O meu pai andou em Lisboa, mas, coitado, por pouco tempo. Também andou na França, na guerra de La Lys. Contava-me muitas histórias de lá. A fome que passavam. Andavam lá pelos terrenos e, às vezes, tinham de roubar cabeças de nabos. Um ficava a espreitar enquanto o outro ia lá roubar uma cabeçazita para se alimentarem. Era passar mesmo fome, de

que maneira! Foi terrível. Andou sempre na linha da frente. E não teve problema nenhum. Houve um cunhado dele, que foi ferido lá numa perna. Deram-lhe um tiro numa perna. Outro morreu lá. Deu-lhe na cabeça de ir tomar banho, mas não sabia nadar. Morreu afogado. O meu pai nunca teve reforma. Morreu sem reforma. Nunca teve coisíssima nenhuma, nada! Na altura, ainda não havia. As reformas vieram a partir dessa altura para cá.

Quando morreu a minha mãe, foi para Lisboa. Como éramos quatro, ele estava três meses em casa de cada um. Três meses em minha casa, três meses em casa dos meus irmãos. Trouxe-o quando vim para cá no dia 4 de Janeiro de 1971, mas, coitado, já viveu pouco tempo. Morreu em Fevereiro desse ano. Adorava estar na terra.



José Gaspar (2.º da esq.), com 34 anos, com os seus três irmãos (Lisboa)

Casa "Dormíamos num palheiro"

A minha casa de infância era dividida por quatro irmãos, pelos meus pais e por mais três tios. Na casa onde fui criado, havia uma salita, onde os meus pais

dormiam e que servia também de sala de jantar, e a cozinhezita. Na altura, casas de banho não havia. Eu e mais os meus irmãos dormíamos numa barraca de um palheiro. Estavam lá os colchões. Aquilo não tinha forros nem nada. O telhado era só lajes assentes em cima de barrotes. O vento, às vezes, enfiava a neve e o frio por baixo das lajes lá para dentro. Era um frio dos diabos! A gente passava as do Algarve, mas tinha que ser assim. Até o sobretudo que o meu pai tinha trazido da França servia de cobertor. Era um sobretudo - ainda o estou a ver - russo e grande. Servia para tirar o frio à gente no Inverno. Hoje, não. Hoje, é tudo coberto com placas ou com forros.

As portas daqui normalmente eram azuis. Antigamente, acharam que a tinta azul era bonita porque era a cor do céu. Ainda hoje mantêm essa tradição. Portas e janelas, é quase tudo de azul.

Infância "*Porrada para cima!*"

A gente não podia fazer uma pequena asneira que aquilo era logo porrada para cima! Hoje, não. Hoje, são os filhos que batem nos pais e nos professores. Na altura, era rigoroso. Eu era obrigado a ir ao terço e à missa. Íamos à capela de S. Pedro. Havia ali uma parreira. Ali é que jogávamos o "chincão", o cepo, que era sentar-se uns nas pernas dos outros e depois os outros a puxar para arrancar o cepo. À hora do terço, se a gente não estivesse lá, as velhotas vinham e era tudo corrido à cacetada a caminho da igreja. Aprendi a doutrina. Fiz a comunhão. Era muito diferente. Agora metade dos que estão aí no Piódão não vai à igreja.

"O Inverno era mais rigoroso"

O Inverno era mais rigoroso que agora. Tinham que deixar ficar uma enxada detrás da porta, à noite, para de manhã abrir carreiros pela neve para irem tratar dos animais. Na altura, todos tinham cabras e ovelhas. Era curioso que a neve fora do carreiro, que não era pisada, não levava muito tempo a desaparecer. Aquela que era pisada - na altura por tamancas e tamancos de brocha - estava uma data de tempo a derreter. É verdade! Ou era por ser pisada ou não sei. Entranhava-se na calçada, levava ali um tempo enorme. Ficava ali sempre encaramelada. Também nos terrenos que traziam a água para emparedar, para dar pasto ao gado, aqui pelos cômodos abaixo, fazia cordões em vidro. O frio era tanto que a água não caía em líquido. Fazia cristal. A gente ia para lá entreter-se com umas pedras. Atirávamos aquilo para o botar abaixo. Os que tinham mais jeito faziam bonecos de neve. Outros entretinham-se aí nos terrenos. Começavam a enrolar e a fazer bolas. A gente, às vezes, já não as podia mover. Ia enrolando, enrolando,

enrolando... Quando não podíamos com ela, mandávamos para baixo para a rua. Ficava ali uma data de tempo sem que derretesse. Era uma bola tão grande que nunca mais derretia.

Educação "*Fiz a quarta classe com 33 anos*"

Na altura, não havia professores no Piódão. Eles não vinham, porque não tinham condições nenhuma. E mesmo que houvesse aí um professor, os pais não mandavam os filhos à escola, porque não era obrigatório. Queriam-nos para guardar os rebanhos. Não havia escola para ninguém! Só fiz a quarta classe, em Lisboa, em 1958. Tinha 33 anos. Estudei nas Janelas Verdes, na Escola 18. Mas quando fui para lá, sabia fazer o meu nome e essas coisas todas. O professor, quando me fez o teste disse:

- "Você já tem letra de namorado..."

Ele dizia:

- "Se vierem para me subornar, eu até os mando prender! Faço isto por amor!"

Era o professor Figueiredo lá na Rua das Janelas Verdes, na Escola 18. Mas não se podia fazer lá o exame. Fui fazê-lo na Rua Conde Barão com a Travessa das Gaivotas. Só propôs três para exame. Estava lá um a reclamar:

- "Ei, já cá andei o outro período..."

- "Aqui só vai quem eu avisar: vai o senhor Gaspar..." - um rapaz que era Lomba e outro que era Brito, dois rapazitos do Minho, que estavam em mercearias.

Estava lá um indivíduo a chorar. O professor comoveu-se e perguntou-lhe:

- "Porque é que você está a chorar?"

- "É que se eu fico mal, fico sem emprego..."

Andava lá na CUF, de onde nasceu a Lisnave. Eles foram obrigados: ou iam estudar e tirar o exame ou iam para a rua. Aquilo era rigoroso.

Já contei as Linhas do Norte e do Minho, as nascentes e as lagoas. Agora, não sabem. Contava aquilo tudo de cor e salteado. Depois, tive sorte. Onde estudei mais, onde aprendi mais, foi onde vivi mais tarde. Vivía com um indivíduo a quem faltava um ano para ser padre. Estava nas Finanças. Quando eu ia trabalhar para os barcos, a ajudar nas máquinas e nas chapas das caldeiras, fazia lá contas, reduzir ao máximo, divisor comum. O maquinista, que tinha curso, um dia, perguntou-me:

- "Onde é que tu aprendeste a fazer isso?"

Eu disse:

- É que vivo em casa de um indivíduo, que falta um ano para ser padre. Está nas Finanças. Ele é que me ensina a fazer isso."

Ele disse:

- "Olha, eu não sei fazer..."

Ofício "A minha vida foi servir"

Comecei por ajudar os meus pais. A minha vida foi servir. Fui servir para Avô, que pertence a Oliveira do Hospital, guardar um rebanho de ovelhas. Quando fui para Avô, fui pelo caminho que eles usavam para ir à feira comprar o porco, trazer o sal e trazer a sardinha. Chamavam as tapadas. Mas depois, para não vir por lá, resolvi vir por uma estrada de Avô a Pomares. Perguntei ao patrão se aquela estrada é que vinha para lá. Eu sabia que vinha lá alguém da família - ou o meu tio ou a minha tia, que iam lá buscar o correio - para depois vir com eles. E ele disse:

- "É, é!"

Confirmou que era. De madrugada, levantei-me, vim por aí fora e esperei pela minha tia. Ela chegou para ir buscar o correio e vim com ela. Nem comida, nem coisíssima nenhuma. Esses meus tios iam a pé buscar o correio para aqui. Chovesse ou nevasse, iam lá buscar o correio. Aquilo é que era horrível!

"Guardar um rebanho de cabras"

Depois, estive aí uns dias a ajudar os meus pais. Veio, então, um indivíduo ali de Ceiroco - pertence à Pampilhosa da Serra - para guardar um rebanho de cabras. Estive lá dois anos.

"Língua de fora e uma grande cabeçorra"

Os lobos eram ali numa quantidade formidável! Houve um dia em que me mataram nove chibos, de um ano. Já grandes. Não dei por isso. Ele andava na encosta e eu andava no alto onde era mato "roçadiço" e carqueja. Estava à espera que elas viessem de um giestal para fora. Andavam na flor da giesta. Aparece-me um lobo com a língua de fora e uma grande cabeçorra, todo cansado de andar a matar os chibos sem eu dar por isso. Eu levantei-lhe o capucho. A gente levava sempre um capucho para pôr pela cabeça, quando estava frio. Levantei-lhe com aquilo:

- Oh, ladrão!

Ele tornou-se a meter para as giestas.

A povoação era logo em frente. O patrão ouviu e foi lá ter comigo. Eu, ora contava mais, ora contava menos as que faltavam. Fiquei tão atrapalhado! Uma vez contava 70, outra vez contava 40, outra vez contava 100... Ele apareceu lá com a espingarda, contou e disse:

- "Olha, são nove que faltam. Nove chibos que faltam."

E foi-se embora. Não disse mais nada. Eu lembrei-me que eles à noite ralhavam comigo ou diziam qualquer coisa. Encaminhei as cabras para os currais - que eles estavam à espera delas para as meterem -, mas fiquei lá escondido até eles se irem embora. Também não vieram à minha procura. Meti-me num palheiro e ouvia lá os lobos:

- "Oooooooooohhhhhh! Oooooooooohhhhhh! Oooooooooohhhhhh!"

A chamarem-se uns aos outros para irem fazer a colheita. Eles matam, matam, matam e quando têm tempo livre é que vão comer e enterrar o que não comem, para o outro dia. De madrugada, levantei-me e vim pela serra fora. Eles podiam apanhar-me. Vim para aqui.

Eles até gostavam muito de mim. Um dia, o velhote, o patrão, que já tinha 70 e tal anos, apareceu, à tarde, à porta dos meus pais. Foi no Verão, no mês de Agosto. Perguntou-me:

- "Ó Zezito - chamavam-me o Zezito - quem é que te mandou embora?"

Havia um contrato. Ganhava 50 escudos por ano. Tinha de levar três molhos de mato por dia para a junta de bois, dos porcos e da cabrada. Todos os dias de manhã a gente ia botar os molhos de mato. O contrato era: se me mandassem embora, tinham de me pagar os 50 escudos ao fim do ano; se eu me viesse embora, por minha autorização, não tinham nada que pagar. Ora, a primeira coisa que ele perguntou foi "Zezito, quem te mandou embora?"

- Ninguém.

Ele disse-me:

- "Amanhã, vais comigo!"

Digo:

- Vou, sim senhor...

Como aqui a lomba custa a subir, ele disse:

- "Vamos cedo, que depois não sou eu que subo a lomba."

Lá fui com ele. Saímos daqui ao romper da manhã. Chegámos eram dez horas. Aquilo é longe! É quase ao pé da barragem de Santa Luzia. Lá comi. Todos os anos, de Janeiro a Dezembro, era uma panela de batatas cozidas, amassadas com o garfo, com azeite e um bocado de toucinho dos porcos. Tinha um palmo de altura:

- "Ou comes ou deixas ficar!"

E lá fui outra vez deitar as cabras. Estive lá mais um ano.

Havia uma rapariga, que já morreu agora, que era afilhada do patrão. Estava lá a tomar conta das cabras. Era uma brincalhona do diabo! Cheia de vida. Fartava-se de rir.

Depois de um ano, o meu pai não me deixou. E eles que tanto lhe pediram:

- "Ó, senhor Abel, deixe ficar o rapaz..."

- "Não deixo, não deixo..."

Eu depois disse:

- Ó pai, porque é que você não me deixa?

Por eu ter vindo embora, quando mataram lá os chibos. Vim para aqui. Estive aí uns dias e disse:

- Isto aqui não é vida!

Na altura, a rapaziada andava toda nas minas. Disse aos meus pais que ia para lá também. Já lá andava o meu irmão a trabalhar:

- Vou também para as minas.

Mas em vez de ir para lá, fui ter com os outros. Quando cheguei, tinha um moço a guardar o rebanho. A cadela, claro, conheceu-me logo. Veio logo ter comigo. Cheguei lá e enganei-os:

- "Então, tu por aqui?"

- Vou para as minas. Vim por aqui.

- "Não! Tu ficas é cá!"

- Ah! Não trouxe roupa nem nada...

- "Vestes da nossa!"

E assim estive. Fiquei lá a dias a apanhar milho e a trabalhar na fazenda. Já me pagavam 8 escudos por dia. Estive lá duas semanas. Quando veio a inspeção para a tropa, eu fui. Resolvi sair de lá.

"Paguei 180 escudos"

Fui à inspeção em 1945. Havia aquele regime - hoje acho que já não há - que não sendo preciso ir e pagando seis anos de taxa militar, ficava nos serviços das tropas territoriais. A taxa equivalente a seis anos. Se houvesse uma mobilização, eu ficava sempre cá a prestar serviço nas tropas territoriais. Nunca íamos para fora. Mas nunca fui chamado. Estava um irmão meu em Coimbra que disse que eu era para ir para Abrantes. Se fosse chamado, ia para Abrantes. Na altura, paguei 30 escudos por ano durante seis anos. Seis vezes três, paguei 180 escudos. Fiquei isento até hoje. Com 83 anos, agora, já ninguém me quer. Houve um indivíduo da minha idade que pagou logo oito anos. Depois de seis,

aumentaram para oito anos. Eu paguei seis e ele queria reembolsar os dois anos. Ainda fui à Calçada do Livramento, ao pé do Palácio das Necessidades, ao Centro de Mobilização:

- Um rapaz, meu amigo, pagou oito anos. Era para reembolsar dois anos...
 - "Não, pá! Isso foi inutilizado em selos. Não há reembolso nenhum! Se foi maluco, que não fosse. Agora, olha, foi quanto perdeste!"
 - Então porquê?
 - "Então, aquilo é inutilizado em selos, aquilo não tem salvação nenhuma."
- E assim se contou a vida. Depois, fui então para Lisboa, em 1946, com 21 anos.

"Era doloroso"

Comecei por andar numas camionetas de Lisboa ao Porto. Íamos à Rua do Freixo, ao Porto, carregar o esmalte lá numa fábrica, que já fechou. Ninguém podia lá tirar uma cafeteira. Eles tinham um contrato. Éramos nós que íamos tirar tudo. Era em Oliveira de Azeméis, no Centro Vidreiro, a uma fábrica em cima do pinhal e ao armazém cá em baixo na vila. Na altura, aquilo era meia dúzia de pessoas. Hoje, a vila é uma cidade! Faço ideia como é que aquilo está. Íamos lá e carregávamos o vidro para levar aos armazéns em Lisboa. Depois, voltávamos novamente.

Aquilo era doloroso. Carregar, levar aos armazéns a Lisboa, descarregar, ir outra vez lá para o Porto e depois tornar a Lisboa. Não havia cama. Só se encostava o carro à borda da estrada, um pedaço, para passar pelas brasas e mais nada. Na altura, a democracia era outra. Ninguém ia assaltar a gente. Perguntavam todos com muita delicadeza:

- "Ó colega, é preciso alguma coisa?"
- Não, obrigado, estou só a descansar um bocado.

E hoje não há isso.

Depois surgiu uma hipótese de ir para uma oficina trabalhar na reparação de navios.

"Fui soldador"

O encarregado das oficinas de reparação de navios, em Lisboa, perguntou se havia alguém cá da terra interessado em trabalhar lá. Ele era de cá também e o meu pai já lá tinha trabalhado. Um indivíduo que já morreu disse:

- "Ah, está aqui um rapaz, o filho do Abel."
- "Amanhã, que vá lá ter comigo, à Rua do Giestal, que eu dou-lhe trabalho."

Para lá fui. Estive 24 anos. Não tinha habilitações. Mas como tinha um bocado de habilidade, fui-me ajeitando. Fazia trabalhos, abria canais. Eles tinham um serviço de soldadura que pagava mal. Cada soldador que para lá ia, estava um mês ou 15 dias e vinha-se logo embora, que o ordenado não lhes servia. O patrão disse assim:

- "Está aí o Gaspar que é jeitoso. A gente manda-o aí ao ar líquido."

Era na Quinta do Almagem, onde faziam o enchimento de garrafas para contra-incêndio e para soldar, nos navios. Mandaram-me lá tirar o curso de soldador. Ainda me passaram o diploma em português e francês. Depois, deixaram de passar em francês, para não terem pernas para ir lá para a França. Trabalhava a eléctrico e com as garrafas. A gente usava uns pós para soldar. Era tudo acabado em "ox": colpox, agirox e não sei que mais. Comecei-me a ajeitar, de forma que fui soldador enquanto lá estive. Tinha habilidade.

"Aqui o rapaz soldou!"

Uma altura, apareceu lá um sino rachado. Já tinha ido a diversos lados e ninguém soldava o sino. O patrão:

- "Eh pá! Tu vais soldar o sino!"

- Então como é que eu soldo o sino?

Tinha de ser um maçarico com um bico forte. Peguei no bico mais forte e comecei a dar calor ao sino. Em vez de soldar, comecei a abrir mais a brecha. Fui ter com o encarregado:

- Ó senhor fulano, eu estou aqui à rasca! Então ele ainda está a abrir mais a boca?

Ele diz:

- "Vai lá - onde tinha tirado o curso - perguntar ao chefe, ao professor, como é que se há-de fazer."

- Eu fui lá e ele diz:

- "Ó pá, não tens problema nenhum! No fim da racha do sino, metes uma broca e fazes um pequeno furo que ele já não abre mais!"

E travou. No fim da racha, no furinho, não abriu mais.

- "Depois começa a soldar novamente, mas não dês um calor muito forte. Aquilo é uma maravilha!"

E assim foi. Soldei-o. Depois, o patrão andou a bater o sino e a dizer lá para os engenheiros:

- "Ei! Aqui o rapaz soldou! Olha o som que ele tem!"

Tudo muito bem.

A máquina do patrão

O patrão vivia em Queluz. Tinha lá uma máquina de extrair o mel, em aço inoxidável, que rompeu. Eu vou para soldar aquilo e também me começou a abrir. Em vez de soldar, abria um buraco maior. Eu fui lá dizer ao meu professor. Era ali perto. Ia-se até a pé. Ele diz:

- "Ó pá, dá-lhe só um calorzinho até ele ganhar a cor de tijolo. Não dás como para soldar ferro - para soldar ferro tem que correr a bolha, tem que correr o líquido -, pede só um ligeiro calor, vais ver que te safas."

E assim foi. Com o calor, comecei logo a derreter a vareta para cima. Lá ficou a coisa arranjada.

"Se fossem mulheres, matavam-se umas às outras"

Vivia tudo em casa de malta. As pessoas, que tinham posses, alugavam um quarto ou uma parte de uma casa para morar. A rapaziada solteira, como não tinha posses para alugar um quarto nem coisa nenhuma, ia para aquelas casas. Eu também vivi num sótão, em solteiro, muitos anos, na Rua das Janelas Verdes. Era de uma senhora, uma velhota, que tinha casado com um espanhol, que tinha morrido. Coitadinha, vivia daquilo. Tinha a casa. Era malta do Minho, que trabalhava no frigorífico ali em Santos e outros rapazes que eram caixeiros-viajantes. Vivíamos naquela casa 30 e tal homens. Uns casados - tinham cá as mulheres na terra - e outros solteiros. Se fossem mulheres, matavam-se umas às outras. Eu tinha uma vantagem sobre eles todos. Os do frigorífico trabalhavam de noite. Pegavam às oito da noite até durar a descarga. Não havia horário. Os que trabalhavam nos armazéns saíam às sete horas. Eu como trabalhava nas oficinas, saía às cinco. Chegava a casa, punha a panela ao lume. Era uma lata de folha, daquelas do atum, para cozer as batatas com o bacalhau. Era do que a gente se alimentava mais. Quando os outros saíam, já eu tinha feito a minha comida e já tinha comido. Ia dar uma volta para ver as montras, como se costumava dizer.

No sótão, se me endireitasse de baixo para cima batia com eles nas telhas. Pagava ali 30 escudos por mês ou o que era. Tinha aquelas tarimbas e a gente dormia ali. Até tinha uma cozinhezita, donde todos faziam a comida, naqueles fogareiros a petróleo. Tinha uma pequena sanita para fazer as necessidades. Quando queríamos tomar banho, íamos às casas da Câmara. Tinha uma ali perto na Rua da Esperança e outra em Alcântara, na Rua da Creche. Eu tomava banho na oficina, mas as pessoas que não tinham outra hipótese iam lá. Ao domingo, levantavam-se, levavam a toalha, levavam o sabão - que lá não havia

nada -, pagavam cinco escudos e ali é que tomavam banho. Depois a coisa foi melhorando. Os filhos desta rapaziada já tiveram outra vida melhor.

Em Queluz, há uma mata com um muro, que parece um cemitério, com um índio pintado à Sporting, para tirar a água lá para as regas. Uma vez, fui lá soldar a chaminé da casa, que estava rota. Levava umas botas de borracha. Aquilo tinha um bocado de musgo e estava molhado. Eu tinha um alicate na mão e a máscara na outra. Deslizou-me, lá vai o Zé para baixo! Tinha dois telhados. Eu estava mais alto na chaminé. Caio para o de baixo, aquilo estava podre, abriu um buraco. Mas ainda tive sorte. Estavam telhas lá a pino. Matava-me mesmo. Mas ainda tive sorte, porque haviam uns pregos que me prenderam o fato-macaco. Amorteceu-me a pancada. Fraturei umas costelas. Andei lá no seguro. Depois vim para aqui com 44 anos, ainda na flor da idade...

"Tenho-me entretido nas instituições"

Depois, vim para aqui. Dediquei-me aí à agricultura, às ovelhas. Mas fiz parte das instituições todas: Comissão de Melhoramentos, Centro de Dia, Junta, igreja... Já fui das capelas todas. Fui Presidente da Junta dois mandatos.



José Gaspar, enquanto Presidente da Junta do Piódão, ao lado do Governador Civil Pires de Lima, durante a visita deste ao Piódão (1992)

"Visitar o Parlamento Europeu"

Nessa altura, tive sorte. O António Campos, deputado lá do Parlamento, que é aqui da Lajeosa ao pé de Oliveira do Hospital, era afecto ao Partido Socialista. Ofereceram-nos uma viagem para ir visitar o Parlamento Europeu e o campo de concentração durante uma semana. A minha família não queria que eu fosse, porque já tinha idade e por causa do calor. Aquilo é um esticção. Saíramos daqui, ficáramos a primeira noite em Bordéus, na França. De lá, foi uma directa de 800 e tal quilómetros até ao Parlamento Europeu. Puseram-me sentado na bancada com uns auscultadores para ouvirmos a tradução. Quando entrámos, estava aquele deputado, o Rosado Fernandes, afecto ao PP, como orador. Lembro-me bem do que ele estava a dizer: o tabaco fazia mal e ao fim e ao resto era participado. Estava nessa intervenção.



José Gaspar enquanto representante do Piódão (Paris, 1992)

Depois, um deputado, um rapaz ali do Algarve, serviu de guia para visitarmos o campo de concentração. Aqui o Presidente da Câmara tinha-me dito:

- "Olhe que para ir ver aquilo é preciso um bocado de estômago, que aquilo é horrendo."



Tomada de posse de José Gaspar como Presidente da Junta do Piódão, 1º Mandato (Arganil, 1980)

E era horrendo. Como eles ali eram torturados. Metiam-nos em prateleiras para os fuzilar. Tudo vedado com arame farpado e electrificado. Quem ficasse ali, ficava logo desgraçado. E as cargas que eles levavam... Até o chão é inclinado para quando sangrasses, juntar o sangue em baixo. É horroroso. Lá está também o cemitério do desconhecido. Ninguém sabe os que estão lá. Sabem que estão lá aquelas pessoas, mas não sabem se era este, se era aquele. Aquilo ficou destruído de tal maneira que é mesmo horrível.

Tenho-me entretido nas instituições. Fui tesoureiro de quase tudo. Fui na Comissão de Melhoramentos durante 18 anos. Fui no Centro de Dia uma porrada de anos. Agora sou da igreja. Estive na Assembleia de Junta dez anos também, durante três mandatos. Para mim, não há política. Por acaso, estive lá pelo PSD, porque o Presidente da Junta era o Fontinha, do restaurante. Ele começou a dizer que estava farto. Na altura não se ganhava nada. Hoje têm uma remuneração. Estava farto, não se candidatava mais e não sei quantos. Mas depois, resolveu e candidatou-se. E eu quis fazer a vontade a quem me veio convidar: o candidato à Câmara, que era filho daquele homem que andava sempre com a gorra na cabeça, o Fernando Vale. Morreu com 102 anos. O fundador do PS. Era aqui de Côja. Veio aí e eu disse:

- Eu não aceito.

Tanto ateimou comigo, com o professor, que ainda hoje é o secretário, e lá fui. Mas para fazer a vontade aos dois! Por pouca sorte, ganhei. Depois candidatei-me outra vez. O Fontinha voltou a candidatar-se. Tornei a ganhar. Agora, já não tenho idade para isso. Tornou para lá ir o filho. Está lá há três mandatos. Mas somos amigos, graças a Deus. A gente dá-se todos bem. Mas agora, os velhotes e a rapaziada nova não querem saber disso. Nem ligam nada destas associações de comissões de melhoramentos e Igreja. Ninguém quer saber de nada.

Namoro "*Quem é aquela rapariga?*"

Eu namorava aí uma rapariga. Namorava... Escrevia! A gente não namorava. Eu estava em Lisboa e aquilo era por carta. Gostava muito dela. Um dia, lá na casa de malta, eu estava a servir-me com o garfo do pai dela. Não sei de que falámos, mas eu disse assim:

- Estou aqui a servir-me com o garfo do meu sogro.

Que não era. Eu só escrevia à filha. Ele diz assim:

- "Eh, para aturar rapazes, tenho lá cinco!"

Tinha cinco filhos em cada terra! E eu engrenei com aquilo e deixei de escrever à rapariga.



José Gaspar e a esposa, Maria dos Santos, junto à Pousada da INATEL

Vim aí passar uns dias e a minha mulher estava na fonte a encher água. Na Fonte dos Algares. Eu estava em casa do meu padrinho Herculano. Vi-a pelas costas e disse assim:

- Quem é aquela rapariga?
- "É a filha do Zé dos Santos."

Fui lá ter com ela e perguntei:

- Queres namorar comigo? Queres casar comigo?

Tomara ela logo que fosse já naquele dia! Depois, fui para Lisboa. Comecei-lhe a escrever e pronto. Mais tarde, marcáramos o casamento.



José Gaspar e a esposa, Maria dos Santos, em frente à casa Malhadinho (Piódão, 22 de Abril de 1996)

Casamento "*Casei-me e fui logo para Lisboa*"

Eu vim para passar uns dias de férias. Tinha uns dias de férias no patrão. Cheguei aqui e disse-lhe:

- Bem, eu depois ainda vou para Lisboa...

Mas já tinha andado a escrever. Ela disse:

- "Ah, se não for agora, depois também não quero!"

Na altura, não havia telefone nem nada. Escrevi lá para o encarregado:

- Ó senhor fulano, eu vou casar. Se me der mais uns 15 diazitos...

- "Passa lá a lua-de-mel à vontade."

Ainda valeu escrever a carta. Fiquei os 15 dias. Ela ficou aí, mas já ficou com a barriga cheia! O padre, que estava aí disse que naquele ano de 1952, casou três "choninhas". A minha mulher, que era muito simples, e outras duas que também não sabiam uma letra nem coisa nenhuma:

- "Casei três "choninhas" e já todas as três vêm com a barriga cheia!"

Não há fotografias de casamento, nem nada. Na altura, fazia-se em casa. Foi um lanchezinho em casa do pai dela. Ofereceu-se para padrinho um comendador, que morreu há dois anos, que andava no Brasil e era aqui de Chãs d'Égua. Era muito amigo do meu sogro. Ele disse-lhe que a filha ia casar. Diz ele:

- "Ei, eu quero ser o padrinho deles!"

Mas também, brasileiro, nem uma aliança me ofereceu, nem coisa nenhuma. Casei-me e fui logo para Lisboa.

Descendência "*Quando cheguei, já tinha o rapaz ao pé dela!*"



José Gaspar a comer tigelada no casamento do filho (Piódão, 1979)

Só vim na véspera de nascer o rapaz. Nasceu numa barraca no fundo do povo. A minha mulher tinha umas cabritas. Eu fui tratar delas. Saí daqui eram dez horas. Quando cheguei, ao meio-dia, já tinha o rapaz ao pé dela! Foi rápido. E por aí ficáramos. E ele também só tem uma rapariga. Só tenho uma neta. Já tem 30 anos. Chama-se Carla.

Quotidiano *Mel e aguardente*

Apanhei em Lisboa o vício das colmeias. Gosto disto. Fazem parte da minha vida. Estou aqui sentado, vou espreitá-las e estou aqui.

"O segredo da abelha"

O mel é bom de fazer. Faz-se nos quadros. Primeiro, era no cortiço. Punham-se uns paus atravessados para ampararem o mel. Usava-se a crestadeira, uma espécie de faca, mas em concha, para cortar. O cortiço era todo espremido à mão. Às vezes, tinha problemas, porque ainda trazia criação e criava também um bicho. Ao cortar, vinha tudo. Agora, são quadros. Compram-se já com cera. Primeiro, elas puxam a cera, depois põem o mel. A gente tira os quadros para tirar o mel. Usamos umas maquinetas. Dá-se ali à manivela. Tem uma corrente como as das bicicletas, uma rotação. O movimento do ar é que lhe extrai o mel. Fica direitinho. Automaticamente, vê-se se ele está limpo ou se tem lá qualquer coisa de anormal. Se tiver não se tira, deixa-se ficar. As abelhas lá limpam tudo. Limpam o mel todo fica só a cera limpinha. Se depois de extrair, não pusesse para elas limparem, aquilo enchia tudo de bicho e apodrecia com aquela humidade do mel que fica. Depois, torna-se lá a pôr. Mas no ninho nunca se mexe. Na primeira caixa, não. É a reserva para elas. Às outras, de cima, tira-se o mel. Depois, na altura própria, para a Primavera, vai-se pondo outra vez as caixas. Vai-se vendo. Quando se vê que está a mão cheia, quando está a caixa cheia, elas começam a amontoar-se à porta. Já não têm espaço. Então, põe-se outra em cima. Pode-se pôr uma, pode-se pôr duas, depende.

As rainhas não podem estar duas na mesma colmeia. Matam-se. Nos cortiços, às vezes, viviam duas rainhas. Nas caixas, nunca vi. Como é que a gente descobria que havia duas rainhas? Elas fazem o painel. Se for só uma, é a direito. Quando aparecia uma cruzada, é sinal que tinha duas. Elas não trabalhavam em conjunto: uma fazia a parte paralela e a outra fazia a parte transversal. Se a rainha morrer, a colmeia morre também. Às vezes, morre a rainha por qualquer doença. Também adoecem, como as pessoas. Mas as abelhas só haviam de morrer depois de acabar o mel. Mas não, senhor! Morre a rainha e elas morrem logo também.

Não vivem sem a rainha. Outro problema: as colmeias têm de estar desviadas umas das outras, porque a rainha só vem à rua para fecundar com o zangão. Se for um zangão de boa qualidade, ela é boa poedeira. Se há umas "zanganetas", que não prestam para nada, não desenvolvem nada. Ela quando vem cá à rua, voa juntamente com as outras. Elas voltam para a mesma colmeia, mas a rainha, como sai só daquela vez, pode-se enganar. Se entrar na outra, como é estranha, jogam à zaragata uma com a outra e acabam por se matar. Morrem as duas colmeias, porque ficam as duas sem rainha. Este é o segredo da abelha. Mas não é preciso mandá-las. Elas aí andam a trabalhar.

Antigamente, conservavam o mel naquelas panelas de barro vidradas. Guardavam num sítio fresco, nas lojas. Aqui numa aldeia, chamada Fórnea, havia um indivíduo que tinha mel. Meteu umas vasilhas dessas na loja e foi para o lar para Arganil. Há oito anos que não crestava, que não tirava mel. Os filhos foram lá ver:

- "O mel é para deitar fora! Deve estar podre..."

Estava que era uma maravilha! Só se nota que o mel está deteriorado quando começa a fazer aquela espumazinha por cima. Quando é envasilhado em cântaro, não conserva nada dentro. Todas as impurezas vêm ao de cima. Faz aquela espumazinha que a gente tira para ficar o mel limpo, chamam-lhe eles, adulterado. É como a sopa quando começa a azedar. Vem aquela espuma por cima.

De resto, ando mais aqui a horta. Com o meu vagar e com um sachito. Vou semeando aí um feijãozito, umas couves.

"A aguardente de mel é muito melindrosa"

E faço aguardente de mel! É extraída do mel. O que vai dar o gosto, o aroma à aguardente é a cera. O mel é bom se for velho, mas tem de ser adicionado ao novo com a cera para poder ferver. Se puser o velho sozinho numa vasilha já perdeu a acção. Em vez de fermentar, acaba por azedar. Portanto, é posto numa vasilha a fermentar. Em três, quatro dias começa a ferver. Nota-se que está a ferver quando começa a fazer uma chiada. Está ali à volta de um mês. A gente vai vendo com um aparelho até chegar a zero. Ou então, até por escuta, vê que está pronto a ir para o alambique. Depois, é como a aguardente de medronho ou do bagaço. Vai para o alambique, para a caldeira e faz-se fogo, à antiga. Estando a ferver, põe-se a cabeça na boca do alambique. Estão ali pendurados. Depois, há uma peça - chamam-lhe mesmo o nome da cabeça - que enfia ali. Tem uma cúpula por cima que forma a cabeça. Na cúpula, sobe um tubo para

fazer a ligação ao outro tubozinho que passa pelo depósito de água antes de ir para a vasilha. A gente põe-lhe um bocadinho de barro em volta para não perder vapor, que o vapor é aguardente! Esse tubo passa através de um pequeno tanque que a gente chama de "dornalho" que tem uma quantidade de água para fazer o arrefecimento. O vapor passa através do "dornalho" e transforma-se em líquido. Põe-se uma vasilha a aparar. Normalmente usavam vasilhas de barro. Nunca punham zinco, nem alumínio, nem nada, que isso larga aquelas impurezas e faz mal. O barro, não. O depósito também é vedado. É posto o tubo e é vedado para depois não cair nada juntamente para a vasilha. Mas tem que se ter cuidado! Se for aguardente de medronho ou de bagaço, pode deitar uma bica grande que não tem muito problema. Mas a aguardente de mel é muito melindrosa. Tem de ser uma biquinha muito pequenininha para ser de boa qualidade. Se for em muita quantidade, não presta para nada. É tanta a força, que em vez de sair só o vapor que produz a aguardente, também acaba por passar água. Qualquer aguardente que comece a deitar muito pelo cano, nunca é de boa qualidade. Às vezes, até traz um bocado de fumo. Chamam-lhe aquilo "esfogueirada". Fica esquentada. A gente vai-lhe regulando a fogueira conforme ele vai deitando. Se deitar muito, a gente tira-lhe o fogo para começar a deitar pouca quantidade. Tem que ser com uma fogueira controlada. Posso pôr uma fogueira grande até ela ferver. Assim que ferva, tem que ser só o borralho, até quase apagado, para chegar só àquela temperatura e deitar aquela bicazinha. Toda a aguardente carece dessa atenção. Perde-se muito tempo, mas tem que cair uma bicazinha muito pequenininha para sair de boa qualidade. Depois engarrafo. Há quem venda aos cinco litros, há quem venda à garrafa de litro, há quem venda em quantidades. Antigamente, tinham aí muita. Antes de isto arder.

Costumes *Faz-se no Piódão*

Festas

A festa do Piódão é da padroeira da freguesia, a Senhora da Conceição. Calha sempre ao terceiro domingo de Agosto. Como o padre tem diversas freguesias a seu cargo, guarda o Piódão para esse domingo. Além disso, temos a Senhora do Bom Parto, que é muito visitada no dia 8 de Setembro. E temos o São Pedro, que é no dia 29 de Junho. Temos três padroeiros. A Senhora da Conceição é a padroeira da freguesia. O São Pedro é o padroeiro do Piódão. As pessoas lá nas terras delas também têm as capelas com os santos. Um é o São João, outro tem a Santa Bárbara... Nós é o São Pedro. A Senhora do Bom Parto é

a crença das senhoras grávidas. Foi um indivíduo que esteve no Brasil, e a quem correu lá bem a vida, que mandou fazer a capela. Administrou-a uns 30 e tal anos ou 40. Depois morreu e a família abandonou aquilo.

"São as crenças"

No dia de Santa Cruz, o dia 3 de Maio, põem-se as cruzinhas nas portas das casas e nas fazendas. Diz que evita as trovoadas, as pestes e não sei que mais. Agora já não usam isso. Quando é noite de Natal, põem um cepo grande no lume a arder. Estando uma parte ardida, guardam. Quando durante o ano estiver trovoada, põem um bocado no lume, para arder um bocadinho. Afugenta a trovoada. Depois, tornam a guardar para o outro ano dentro de um saco. Vão queimando um bocadinho de cada vez, para não porem outro a arder. São as crenças.

Salteadores

Aqui andava o João Brandão. Era um indivíduo que vinha com os animais dele. Na altura, o transporte era o cavalo. Ele vinha com a brigada dele, a quadrilha. As pessoas, coitadas, levavam aí o ano inteiro a tratar do milho e depois guardavam nas arcas. Eles abriam as tampas das arcas e punham os cavalos ali a comer, a roer o milho. Intimidavam as pessoas. Viveu sempre assim. Até que foi morto.

Outro que foi morto, foi aqui um do Piódão, o Oliveirão. Enterraram-no atrás de uma capela de Chãs d'Égua. Tinha mau feitio. Foi para lá armado em forte e os gajos deram-lhe com uma tranca na cabeça. Mataram-no e lá o enterraram. Deixou um filho que era mudo. Depois, bêbados, em brincadeira disseram ao mudo:

- "Vamos aos Chãs d'Égua?"

- "Não! Chãs d'Égua é mau! Matou o pai!"

Eram umas histórias.

Lugar "*Aqui é uma maravilha!*"

Há uma lenda que diz que dois irmãos - um irmão e uma irmã - da zona da Serra da Estrela mantiveram relações. Quando ela viu que estava com a barriga cheia:

- "Vamos embora, senão o pai mata a gente!"

Vieram por aí fora, para fugir à família, desde a Serra da Estrela até aqui, através de muitas terriolas. Encontraram bons terrenos e boa água ali em baixo junto ao Torno num sítio denominado Casas do Piódão. Instalaram-se aí. Depois, foram a uma nascente bastante longe. Na altura, não havia canos. Trouxeram a água através de caleira de telha. Mas como lá era um sítio muito quente, a formiga atacava-lhes o mel. Eles viviam muito de mel. Como não havia pesticidas para as eliminar, saíram e instalaram-se aqui no Piódão. Aqui é que eles achavam que estavam bem. Começaram a vida deles. Tiveram muitos filhos. Houve uma quantidade de crianças. Como cá não havia mais ninguém, foram casar nas aldeias aí próximas. Os rapazes foram arranjar raparigas e as raparigas arranjar rapazes. Isto foi formado praticamente só com uma família. Ainda no tempo do meu pai há 100 ou cento e tal anos, isto era constituído por três famílias só: os Lopes, os Gaspar e os Fontinha. O resto veio tudo de todas as terras aqui em volta. Veio para aqui quase uma povoação de imigrantes. Mais tarde, foram à terra deles. Lá, muito admirados, perguntaram-lhes:

- "Então? Vocês ainda são vivos? Onde é que vocês foram parar?"

- "Fôramos parar ao pior do mundo!"

E daí nasceu o Piódão. Ninguém tem a certeza se foi assim, mas tudo indica que sim.



José Gaspar (3.º de esq. p/ dta.) a entregar aguardente ao Governador Civil de Coimbra Pires de Lima (4.º esq. p/ dir.), Piódão, 1992

Artes e ofícios

Depois, começaram aí na agricultura. Viviam só da agricultura.

Na altura em que se fazia aquela romaria das Beiras, quase até Fátima, passava muita gente aqui no Vale de Maceira, perto de Oliveira do Hospital. Ia tudo a pé, aí pelas serras para ir à festa. Os Adriões fizeram uma tasczinha nas Casas de São Pedro, lá para cima. Ainda lá estão os vestígios do barracão. Os pastores, que andavam por aí a guardar o gado, vendiam água quando eles passavam. Água e aquelas latinhas de litro de leite que usavam para a merenda deles. Ordenhavam as cabras, enchiam de leite e vendiam às pessoas que passavam.

Mais tarde, vieram as Minas da Panasqueira. Esta gente da aldeia ia tudo lá para as minas. Depois, vieram abrir os túneis daqui da ribeira do rio Ceira para a barragem de Santa Luzia. Matou a rapaziada nova toda. Morreram os homens todos com 20 e poucos anos, 30 anos. Foi tudo à vida. Eles, hoje, para fazerem as perfurações com os martelos e os compressores, já usam água para amassar o pó. Na altura, aquele pó ia todo para os pulmões. Todas as raparigas com 20 e 30 e poucos anos, ficaram viúvas. Morreram todos com a doença denominada silicose. Com o tal pó que se acumulava nos pulmões.

Os túneis, depois, acabaram. As Minas da Panasqueira também falharam um pouco a partir de 1944. A malta, a nossa gente foi toda para Lisboa. Emigraram para a margem daqui. Quando a Lisnave foi para o outro lado, é que mudaram. A nossa gente está quase toda na Margem Sul, devido aos empregos que tinham lá. Para ir para lá, pediam dinheiro emprestado, 100 escuditos. Assim que arranjavam lá os cem escuditos para dar a quem os pedia e trazer outros para cá, regressavam. Não eram muito gananciosos. Tornavam a vir para o pé das mulheres passar mais uns dias. Primeiro, iam para burros de carga! Para a estiva e para os armazéns alancar. Não tinham habilitações, não sabiam uma letra, não sabiam nada... era só para a carga. Aquilo era difícil e um bocado doloroso. Andar de manhã até à noite em cima de uma prancha, para trás e para diante, a tirar os sacos do arroz, do açúcar, o carvão lá para a antiga CUF. Quando a maré estava cheia, ainda estava a prancha mais ou menos plana. Quando a maré estava vazia, era mesmo uma inclinação de 95 graus. À noite, ficava tudo estoirado! Hoje, não. Hoje têm a vida melhor. Os filhos e os netos desses primeiros, praticamente, está tudo estabelecido. Foi quase tudo para as pastelarias, leitarias e restaurantes. Eu tenho um filho que tem uma pastelariazinha no Seixal, junto à Câmara. É a vida que eles agora vivem. Queixam-se muito, mas a vida agora é diferente.

Já não há ninguém debaixo da carga, como antigamente. Também já não há estiva. Agora, há os guindastes e as máquinas para carregar isso. Temos também alguns, poucos, na França e na Espanha. No Luxemburgo é que ainda está uma comunidade grande. E por lá continuam.

Hoje estão aqui à volta de 40 postos de trabalho, mas não é ninguém cá do Piódão. Quando abriram estes postos de trabalho, a nossa gente já tinha os seus empregos noutras localidades. Estão 14 empregados lá na estalagem. Não é ninguém de cá. Estão três empregadas no Centro de Dia. Ninguém do Piódão. Estão aí duas engenheiras, que não são de cá. Está uma empregada no Turismo, não é do Piódão. Está uma empregada no Museu, não é do Piódão. Metemos uma funcionária na igreja, também não é do Piódão. Estão aí cinco rapazes ao serviço da Câmara e da Junta e estão mais cinco na Associação de Compartes. Sapadores florestais para vigiar os fogos. Nada cá do Piódão. Do pessoal dos restaurantes, ninguém é cá do Piódão. É tudo pessoas das aldeias aqui próximas. Há aí muitos postos de trabalho. Aqui não há desemprego.

E assim vai andando o Piódão. Hoje tem muito movimento. Em Agosto, há dias que vêm aí quatro e cinco autocarros! A Câmara assinou um protocolo com uma empresa para virem cá dois ou três autocarros diariamente. Este ano parece que ainda não fizeram esse contrato. As massas que se aí vão arranjanado vem tudo dos turistas. Aqui vivem 50 e poucas pessoas, tudo com mais de 60 anos. Tudo no fim da idade.

"Não falhávamos uma passada"

Antes, não tínhamos água, nem luz. A água, iam aí aos barrocos. Mais tarde, foram postos dois fontanários. Um ao pé do restaurante e outro ao pé da Capela de São Pedro. Para termos luz, na altura usávamos o azeite. Nem havia dinheiro para petróleo. Tínhamos as candeias. Era um lampião. Ainda tenho aí candeias do azeite. Aquela lanterna com uma argola e quatro vidros. Tem quatro vidros por causa do vento. Dentro, tem um candeeirinho, com a torcida. Enchiam aquilo de azeite com uma almotolia. E à noite a mesma coisa. Na altura, regavam de noite. Mas eu ainda hoje faço a assinatura sem óculos. Não estragava tanto a vista como agora, a olhar para a televisão e outras coisas mais. À noite, íamos para as tascas entreter a rapaziada. Lá se ia buscar um chouricito, um bocado de toucinho para a gente petiscar com um bocado de bola que as pessoas davam. Não havia dinheiro para pilhas.

Para ir para casa, punha um pauzito no lume dos fornos até fazer brasa. Os fornos trabalhavam de noite e de dia. Toda a gente fazia o pão de milho. Iam moer aos moinhos e depois faziam a broa nos fornos. Com aquele pauzito é que

vínhamos a abanar "pia fora"¹. A gente olhava para os beirais das casas para se guiar para ir para casa. Mas não falhávamos uma passada, nem um degrau. Já estava tão prático. Era assim.



José Gaspar, (Piódão, 2004)

"Pessoas de valor"

Fui um dos fundadores da Comissão de Melhoramentos. Foram duas pessoas, que já morreram, que não tinham cá nada no Piódão. Mas vinham cá e viam que nós não tínhamos água, não tínhamos luz, não tínhamos telefone, não tínhamos carreira, não tínhamos completamente coisíssima nenhuma. Quando se vinha de Lisboa, tinha de se ir ali para Pomares ou para Vide e depois trazer as coisas às costas. As famílias levavam e buscavam as coisas quando a gente ia. Na altura, ainda se levavam algumas coisas. Cultivavam-nas e levavam para Lisboa. Depois, o grupo lá em Lisboa disse:

¹por aí fora

- "Isto não pode continuar! Temos que arranjar uma Comissão de Melhoramentos. Há outras aldeias que já têm. Só através da Comissão de Melhoramentos a gente faz alguma coisa! Se não, nem Câmara, nem Juntas, ninguém faz nada!"

Fez-se então aquele grupo. Eram pessoas de valor. O secretário era o encarregado do Arquivo no Alfeite. Convidaram-me para tesoureiro. Não sei porquê. Mas estive lá 18 anos. A primeira coisa que fizéramos foi a cabine telefónica, onde está agora o restaurante. Puseram uma cabine na rua. Mas aquilo não estava bem na rua, levaram para casa do padre, que era onde está agora aquela garazezinha, junto à igreja.

Veio a luz e a água. Esse indivíduo que estava lá no Arsenal do Alfeite disse:

- "Se vocês quiserem dar 50 escudos cada um, eu ponho um chafariz para nós."

Que é o que está em baixo. Déramos 50 escudos cada um e ainda sobraram 15 escudos. Ainda hoje está de pé. Depois, pusemos - não foi Câmara, nem Junta, foram os moradores daqui - outro fontanário. Mais tarde, veio a distribuição da água. A água era pouca. Fizemos um reservatório de 75 mil litros. Vão buscar água aqui em cima à serra. Vem mesmo lá do alto. Mas eu não gasto água da rede. Têm aí quilómetros de manguieiras até lá diante ao cemitério. Passa lá pelos reservatórios, não pode ser muito boa. A minha vem direitinha da mina. É uma maravilha.

O presidente da Câmara, o Dr. Maia Vale, tinha boas relações com o comandante da Engenharia de Espinho. Veio para aí uma brigada de militares com as máquinas. Abrimos uma auto-estrada desde aqui do alto até à barragem de Santa Luzia. Aquilo é um espectáculo. Uma estrada que é a coisa melhor que há cá na serra. O contrato era alimentá-los, alimentar as máquinas e as peças que se utilizavam. Eu ia duas e três vezes por semana a Côja, que aqui não havia nada, buscar alimentação para eles. Eles queriam tudo dentro da validade. Adoravam peixe vermelho. Eram um bocado esquisitos. Havia lá dois sargentos. Um era mais ou menos. Mas o outro era um bocado esquisito. Houve um dia que uma máquina perdeu uma ripa, aquele gancho que escava. Na altura eram cento e tal contos. A Câmara teve de entrar com isso.

Arranjou-se também um estradão desde o alto até baixo, para virem cá duas carreiras, uma vez por semana. Agora estamos pior que há 40 anos. Só vem cá uma. Aqui no alto da serra, há umas voltinhas para baixo e para os autocarros eram um problema do Diabo. Arrastavam com a traseira. Nós fizemos aquela variante direita até lá adiante. Está ali que é um espectáculo! Este ramal de estrada aqui - que a gente diz do cemitério - também foi aberto no meu tempo.

Fizemos a casa para o Posto Médico, para o regedor. Na altura, ainda havia regedor. Era um salão para a Comissão de Melhoramentos e uma casinha para

a professora viver, que ninguém queria cá estar porque não havia estradas, não havia nada. E assim se foram fazendo umas coisas. Mais tarde, vieram outros melhoramentos. Como não tínhamos televisão, pôs-se o retransmissor ali em frente para o primeiro, segundo e terceiro canais. No meu tempo, quando tomei conta da Junta, não tínhamos, e ainda hoje não temos, TVI. Fizemos umas coisas. O regadio da levada do povo é uma maravilha. Rega esta área toda. Temos arranjado aí as ruas. Na aldeia de Malhada Chã, ainda lá arranjei um campo de futebol e em Chãs d'Égua, fizeram-se umas coisas em dois mandatos, que se vê bem que o Presidente da Câmara gostava do Piódão.

Quando saiu - que ele perdeu logo ao primeiro mandato - vieram outros. O dinheiro, que foi atribuído, gastaram noutras aldeias. E "pia aqui"² não gastaram um tostão. Estavam até atribuídos 150 mil contos para a rectificação das curvas aqui na serra. Estoiraram o dinheiro por outros lados e ainda estão as curvas na mesma como estavam nessa altura. E assim se foi andando.

"Um homem muito inteligente"

Conheci o padre Manuel Fernandes Nogueira. Era um homem muito inteligente. O maior trabalho que ele cá fez foi trazer 40 e tal alunos. Preparava-os aqui. Só iam a Coimbra fazer o exame. Era um género de professor. Todos queriam ser padres, na altura. Havia miséria e toda a gente queria ser padre. As aldeias vinham a caminho do Piódão com uma porrada de rapazes. Ele chegava ali e dizia para os que os traziam:

- "Espera aí um bocado que vou ali falar com eles."

Os pais esperavam e ele ia falar com os rapazes. Ia lá fazer um teste. Depois, dizia para os pais:

- "Este fica cá."

E para outro:

- "Olha, a este arranja-lhe uma mulher."

Para outro:

- "A este arranja-lhe uma guitarra."

Só com aquele teste fazia a selecção. Uns ficavam. Mas depois, parte deles... Mais tarde veio aí uma fornada de rapazes que largaram todos a missa. Desde 1950 a 1955 ou 1960 passaram por cá seis rapazes. Todos eles casaram. Um foi para professor aqui para Arganil. Era o José Ramos Mendes. Outro foi para professor em Oliveira do Hospital. Dois rapazes aqui do Barril do Alva, ao pé de Arganil, fizeram o curso de architectos. Até me convidaram, como Presidente de Junta na altura, para ir a Paris passar uma semana com eles. Um outro, o Júlio,

²por aqui

que era ali de Pai das Donas, também aqui andou. Outro, o José Barata, foi para a Amadora vender produtos de farmácia. Todos arranjam emprego. Os rapazes novos foram-se todos embora.

Avaliação "*Para se divulgar*"

Acho bem este projecto! Para se divulgar, para ser conhecido. As coisas não se querem isoladas. Há pessoas mais novas que sabem mais que eu. Há pessoas mais habilitadas que eu, mas também conheço um bocado.